

PELOS CAMINHOS DAS ÁGUAS: O HABITAR PLURIVERSO NA PAMPA SUL BRASILEIRA

JULIANA DOS SANTOS NUNES¹; FLÁVIA MARIA SILVA RIETH²

¹*Universidade Federal de Pelotas 1 – rodaviva.nunes@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br*

“O rio Doce, que nós Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico”. Ailton Krenak – Ideias para Adiar o Fim do Mundo.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo pensar a pampa sul-riograndense como terra na dimensão do seu pluriverso (Escobar, 2016) tendo as águas como a principal fonte para repensar os territórios, os fluxos e os caminhos que compõem essa paisagem pampeira.

A investigação se realiza na cidade de Jaguarão, fronteira sul do Brasil com o Uruguai, um lugar marcado pelas disputas territoriais desde os tempos da colonização, tendo o rio como um demarcador da fronteira, tornando-se, assim, peculiar a maneira de habitar.

Essas disputas pela ocupação e posse estenderam-se até o século XX, incluindo o domínio e o tráfego das águas do rio Jaguarão, que divide a fronteira, navegável pelos dois países, o que culminou no Tratado das Águas de 1909 (Demutti, 2015).

Desse momento em diante, o rio foi “cortado” por uma linha imaginária que impôs os limites dos Estados-nação, no entanto podemos entender essa fronteira e as dessemelhanças entre os povos como sendo móveis (Das; Poole, 2008) ou como bem refere Wagner (2011), é uma fronteira inventada.

É neste contexto, junto às pescadoras e pescadores vinculados a colônia z-25 de Jaguarão que percebemos as trocas e a relationalidade entre essas trabalhadoras e trabalhadores com a paisagem local, especialmente a água: banhados, arroios, açudes, rio e lagoa, onde se realiza a pesca, chamada pelos interlocutores e interlocutoras de “pesca pra fora” e também a comunicação estabelecida com os animais

Essa terra, que já foi uma só, de acordo com Aldyr Schlee, traz consigo a potência de um lugar sempre em movimento, tanto das águas que conduzem o ir e vir transeunte das pescadoras e pescadores, bem como os passos que cruzam a linha de fronteira sobre a ponte.

É um estar no mundo em reunião (Ingold, 2012) com os demais habitantes humanos ou não, numa confluência dos sentidos e do *sentipensar* das lidas, dos movimentos e dos fluxos, andando pelas lonjuras *pampeanas*, percebendo-a de maneira diversa, na qual cabem variedades de universos e multiplicidades de experiências.

Portanto, pretende-se mostrar as dimensões plurais desse lugar e suas intersecções, aquelas e aqueles que verdadeiramente praticam e ocupam a pampa de fato, contribuindo, assim, para a discussão em torno de um suposto

lugar vazio que invisibiliza vivências diversas, atentando para a *pluriversalidade* de suas atividades e modos de estar a partir das águas.

2. METODOLOGIA

A metodologia abordada nessa pesquisa teve alguns vetores dentro do campo da antropologia: a etnografia, a partir da construções de diários de campo, a fotografia e a poesia, realizando uma *montagem* metodológica com as mais variadas maneiras de grafias e assim construindo uma “antropologia vazante”.

Neste sentido, seguindo os ensinamentos de Mariza Peirano (2014), problematizando e tensionando a própria etnografia como método, pensada não somente como um plano pelo qual se chega ao desfecho teórico, mas sendo ela mesma a própria teoria vivenciada em campo, desde os dados e conversas advindas do convívio com os interlocutores e interlocutoras.

Além disso, também se utilizou das “caminhadas etnográficas”, seguindo os passos de Tim Inglof (2015) para pensar num fazer-saber antropológico atencional, educando nossa maneira de ver e sentir o universo no qual estamos nos inserindo, nesse caso as sensações físicas e subjetivas a partir da experiência de estar em contato com os espaços físicos das paisagens: na beira do rio junto a Colônia e no barco junto aos pescadores.

Pensar, também, numa metodologia que envolva o *giro ontológico* (Holbraad, 2014), que permita refletir sobre o método antropológico tendo em vista o pluriverso apresentado pelos interlocutores e interlocutoras, dentro do seu lugar de fala (Ribeiro, 2017) e do espaço no qual vivem boa parte do tempo. Esse método visa uma orientação do olhar e do ouvir treinado (Oliveira, 1996), porém compreendendo uma inversão (Wagner, 2011).

Também pensamos num método poético-antropológico, onde podemos confluir distintas linguagens, em conexão e montagem com a literatura, a poesia, o desenho e a fotografia, a fim de expandir nosso pensamento sobre como alcançamos nosso campo de pesquisa, escrita e maneiras diversificadas de mirar para a teoria antropológica e seu fazer.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Era novembro, um mormaço quente e abafado, os corpos desanimados por aquele calor abrasador que volta e meia faz em Jaguarão, porém era necessário sair e ir ao encontro das pescadoras e pescadores que aguardavam minha visita em sua residência situada na conhecida vila dos pescadores e que hoje é a Colônia Z 25, fundada por Dona Rosa.

Ao chegar no local, Rosângela, filha de Dona Rosa, abre a porta e assim me deparo com uma residência dividida entre ser a sede da Colônia Z 25 e moradia, povoada por diversos utensílios e apetrechos vinculados à pesca, além de folders informativos quanto aos direitos trabalhistas e previdenciários dos/as trabalhadores/as da pesca artesanal.

Dessa maneira, outra cidade se descortinava para mim, diferente daquela que conhecia dos livros de literatura e das próprias vivências enquanto jaguarense, no entanto, foi a partir desse estranhamento, tão caro dentro do campo da antropologia, que pude exercer a escuta e o olhar (Oliveira, 1996) necessários para dar continuidade ao trabalho de campo iniciado.

A passagem entre o que pensava sobre o rio, as águas e a cidade e o que de fato se constitui, vive e pratica (De Certeau, 1998) a partir desse recurso

natural possui uma diferença impressionante, mostrando-me um *modus vivendi* aquático em relacionalidade com outros habitantes da pampa sul brasileira e também sobre os perigos de levar a vida dentro de um barco.

As interlocutoras e interlocutores foram montando essa fronteira habitada a partir das águas e apresentando a complexidade de se estar constantemente nas margens: das cidades, dos países, da terra e também da vida e especialmente, num constante devir *com* aqueles que vivem e experenciam esse espaço.

Assim sendo, trago a narrativa da pescadora Juliana Rodrigues, nora de Dona Rosa, na qual podemos ter uma definição sobre a fronteira a partir do olhar da pescadora, bem como sobre a ideia de separação entre Jaguarão e Rio Branco, nesse sentido ela nos diz que: *Pra min é até uma bobagem isso daí porque a Lagoa é a mesma, o peixe que vai lá vem aqui, o peixe que vem aqui vai lá, o sol nasceu pra todos.*

Dessa maneira, a visão que Juliana traz sobre esse espaço, faz confluência com aquilo que Aldyr Schlee está pensando a partir de uma ideia de “comarca pampeana”: “... no sentido de borda bem definida, aqui em nossa fronteira – na fronteira entre nossos dois países, na fronteira da ‘comarca pampeana’, essa noção é, senão caduca, ao menos digna de uma revisão.” (p.24)

Sobre a relacionalidade com a água, a natureza e a vida involucrada a partir da pesca, Rosângela nos diz o seguinte: “A água entra, pede pra abrir a porta e pode entrar, entra vai embora, escolhe o que você quer e depois vai embora. Não adianta tu querer porque água é água. Como eles fizeram lá fora, a mãe estava lá e viu gastaram horrores, fizeram uma taipa, a água veio e levou tudo, está até agora tudo debaixo d’água.” E sobre a questão do tempo e a observação a partir dos animais, Rosângela segue: a *chorona quando ela está bem quietinha na água com a cabecinha dobrada é calmaria não tem chuva não tem nada, quando ela chora que nem uma criança, ela chora que nem criança desesperada, é chuva e é muita chuva*. Dona Rosa afirma que: “A Natureza, a lúa e ela quem dita às normas. Chuva, vento, tudo!”

Santigo, companheiro de Rosângela, nos apresenta sua versão sobre esse viver em águas: “Eu trabalhava em terra e hoje sou pescador, hoje esse é o espelho pra min, hoje é vida. É vida, porque sem água hoje nós não vivemos e outra coisa, hoje vivendo da água, aparentemente, no caso a água nos dá sustento. Me dá manutenção, me dá tudo. E... hoje não sei viver sem estar na água”.

Portanto, podemos perceber, a partir das narrativas das pescadoras e do pescador, esse modo particular de ocupar esse lugar: a fronteira e a pampa, assim como a fluidez que as águas apresentam, nos fluxos do ir e vir em constante devir *com* os animais e a paisagem, especialmente, um devir *com* as águas em confluência com a pluridiversidade.

4. CONCLUSÕES

Cidade-fronteira, Jaguarão sul do Brasil, caracterizada por esse espaço que a torna particular do ponto de vista do contato com *outrem* desde suas fundações e transformando-a numa fronteira móvel ou porosa, como notamos acima, mostrando as fricções e intersecções de uma fronteira aquática ao evidenciarmos as mobilidades entre as pescadoras e pescadores da Colônia Z25; Além disso, na narrativa da Juliana podemos vislumbrar essa fronteira não bem definida a partir desse contexto fluído que é viver em águas tranfronteiriças.

Por conseguinte, nessa fronteira apresenta-se uma lógica própria de compreender e vivenciar o espaço que é “compósito”(Carmo, 2009) desde o habitado e praticado, mostrando o pluriverso pampeano que pode ser identificado a partir do contexto das águas em relacionalidade ou em “reunião de vidas” (Ingold, 2012) evidenciado nas interconexões entre nos campos banhados, os campos de várzea, as plantações de arroz, os gados bovino e equino, os pássaros e a fauna.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CERTEAU, Michel De, **A Invenção do Cotidiano**: Artes de Fazer. Editora: Vozes, Petrópolis, 1998.
- CARMO, Renato Miguel(2009). “Do espaço abstrato ao espaço compósito:reflectindo sobre as tensões entre mobilidades e espacialidades”. In: CARMO, Renato Miguel; SIMÕES, José Alberto (orgs) **A produção das mobilidades: redes, espacialidades e trajectos**. Lisboa: ICS. p. 41-56
- DEMUTTI, Clayton Nascimento. **Jaguarão, suas águas e o Tratado de 1909**: uma reflexão a partir das charges da revista careta. Trabalho de Conclusão de Curso. História Licenciatura. Universidade Federal do Pampa – Jaguarão, 2015
- DESCOLA. Philippe. Más allá de la naturaleza y de la cultura. **Cultura y Naturaleza**: aproximaciones a propósito del bicentenario de la independencia de Colombia. Bogotá, 2015.
- HOLBRAAD, Tres provocaciones ontológicas. **Ankulegi** 18, 2014, 127-139.
- INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 21-36, 2015.
- _____. Trazendo as Coisas de Volta à Vida. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n.37, p. 25-44, jan./jun. 2012. J
- LAINETTI, Bruno Gianasi; Seifert Junior, Carlos Alberto; Ferreira, Luis Felipe de Mendonça; Oliveira, Alan de Oliveira; Farina, Eduardo; Tagliani, Carlos Roney Armanini. A Gestão Ambiental em áreas de fronteira: estudo de caso nos municípios do Chuí e Jaguarão, RS, Brasil. **Universidade Federal do Rio Grande**, Rio Grande, 2009.
- PAIVA, Kênya Jessyca Martins de. As mulheres e a construção da Colônia de Pescadoras Z25 em Jaguarão/RS – 2005. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. V. 2, Ed especial, dezembro de 2016.
- PEIRANO. Marisa. Etnografia não é Método. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 20, n.40, p. 377-391, jul./dez. 2014.
- PÉTONNET, Colette. Observação Flutuante: O exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica, Revista Contemporânea de Antropologia**, Universidade Federal Fluminense. Niterói, n. 25, 2º sem. p. 99-111, 2008.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala?** Grupo Editorial Letramento, Belo Horizonte, 2017.
- RIETH, Flávia Maria Silva; Lima, Daniel Vaz; Herrmann, Miriel Bilhalva. “Camperiar em campos lisos é diferente de camperiar em campos de pedra” e de banhados: uma etnografia das paisagens da pampa brasileira. **XIII RAM**, Porto Alegre, 2019.
- SCHLEE, Aldyr Garcia. Linguagem de Fronteira. **Revista Vox**: a fronteira que não separa. Ano 4, n.7, 2014, Porto Alegre.